



A Confederação Geral do Trabalho protesta contra as deportações arbitrárias

Uma comissão da Confederação Geral do Trabalho vai entregar amanhã, de tarde, ao Presidente do Ministério um protesto elaborado pelo mesmo organismo contra as deportações de operários. Pretende a C. G. T. com este gesto afirmar a sua repulsa por um acto dum governo que, dizendo-se democrático, traiu os princípios de democracia que diz defender, sobrepõe-se à acção dos tribunais e praticou um crime de lesa-humanidade condenando, sem arremedo sequer de julgamento, um punhado de homens à mais severa e brutal pena.

A mordaça

Notas & Comentários

Liberdade de imprensa

A Batalha é a cada passo impedida de circular, porque as opiniões nela expandidas não são do agrado dos governantes. O que sucede à Batalha tem sucedido também a certos jornais de facções diversas. Julgamos que é isto um grave inconveniente para o momento que atravessamos.

No período em que está fechado o parlamento, onde os adversários do governo que aceitam essa forma de luta não podem fazer ouvir a sua voz, evitar a liberdade de imprensa, equivale a suprimir completamente a opinião pública. Não há exemplo nenhum de que, numa república, possa persistir um governo cujo principal cuidado é evitar uma opinião que lhe seja desfavorável.

Neste momento, acontecimentos de gravidade se produziram como a deportação de presos sem julgamento e outros mesmo sem pronúncia. Sobre esse assunto deviam poder pronunciar-se todas as correntes de opinião, e não se colocar a imprensa na contingência de só poder canalizar a opinião do próprio governo.

A imprensa fica assim sem função. A Batalha, de hoje em diante, como órgão da opinião pública, como manifestação de pensamento do operariado organizado não vale nada. Ao operariado compete tomar conhecimento desta situação de inutilidade da sua imprensa e estudar a forma de suprir a sua falta, tomando as deliberações que o caso lhe aconselhará, já que a nós nos não é permitido mesmo o indicá-las.

Não julgamos que o governo e o próprio regime lucrem muito com este estado de coisas. E, sem sermos republicanos, devemos que assim seja, pois vemos que, com este espírito, só se está auxiliando a obra dos reacionários, que se dispõem a assaltar o poder, assalto que lhes é assim facilitado, por todos os atentados à liberdade que têm sido cometidos.

Vai terminar a suspensão de garantias. Esperamos que a situação mudará e que, ao serem pedidas contas a este governo do seu procedimento, se restabeleça a normalidade, podendo então fazer-se a demora análise do que foi a ação governativa nestas últimas semanas.

E então, poderemos dizer, o que neste momento nos não é possível escrever.

O estado de sítio e censura à imprensa

A suspensão de garantias foi levantada ontem à meia noite e com ela cessou, segundo nos informaram do Quartel General, a censura à imprensa.

João Chagas

O funeral deste propagandista republicano

Realiza-se hoje, pelas 10 horas, o funeral de João Chagas que terá o seguinte itinerário:

Torreiro do Paço, rua Augusta, Rocio, lado oriental), largo D. João da Câmara, avénida da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, Praça do Duque de Saldanha, avénida Casal Ribeiro, rua Pascoal de Melo, avenida Almirante Reis e rua Morais Soares.

A comissão promotora dos funerais resolveu limitar os discursos, pelo que, à beira da campa, apenas falarão os srs. Magalhães Lima, pela comissão, dr. Costa Santos, pela Câmara Municipal de Lisboa, um representante dos revolucionários do 5 de outubro, dr. Eduardo Sousa em nome dos revolucionários do 31 de janeiro, um representante dos jornalistas republicanos, dr. Domingos Pereira, pela Câmara dos Deputados, Medeiros Franco, pelo Senado, e um dos membros do Governo.

Associação do Registo Civil

Convida todos os seus associados a encorparem-se, com o estandarte, no funeral do iminente jornalista republicano e grande propagandista da causa da liberdade de pensamento João Chagas, no qual se encorporem também os alunos das suas Escolas com os respectivos estandartes.

Notas & Comentários

Os actos dum governo democrático

vivamente criticados por um correligionário, modularmente burguês

A Batalha não tem vindo, desde que o estado de sítio foi decretado, a assumir uma atitude nem maliciada, nem irritante, nem arrogante.

Correto, correctíssima, sem desmascarar a sua linha de lealdade e de sinceridade, tem-se afastado das frases escusadamente virulentas. Isso de «linguagem despejada» não se entende com ela mas talvez com o ministro do Interior, antigo monárquico e um dos maiores figais inimigos da liberdade de imprensa. As ações estão acima das palavras e as ações incorrectas, irritantes, malcriadas provocadoras, do governo para com os jornais têm indignado toda a gente.

Não vamos nós continuar falando assim por nossa conta, visto pertencermos ao número dos jornais que morrem mas se não curvam, que lutam e não pactuam, que podem ser vencidos mas não transigem. Damos a palavra ao dr. Alberto Xavier republicano ligado ao partido democrático e que ontem, no Diário de Notícias, num longo artigo condenava o Vitorino... do máximo ódio.

Recortamos desse artigo a flagrante comparação entre o procedimento do ditador João Franco, na monarquia e o do Vitorino ministro dum governo que sufocou um movimento, visando a implantação dum ditadura:

«Andava eu, em 1907, freqüentando o 4.º ano dos estudos jurídicos na Universidade de Coimbra. As minhas convicções republicanas e o meu culto pelas democracias, haviam encontrado, nos acontecimentos da época, sólidas razões de fortalecimento. Imperava no país, dominadoramente, o governo do sr. João Franco. As circunstâncias em que este ministro da monarquia assumira a ditadura, deram a este acto todo o aspecto, de um golpe de Estado. Era uma situação de puro arbitrio essa, a actividade dos governantes desenvolvendo-se sem outros limites que não fossem a sua vontade caprichosa e inflexível.

No auge da sua ilusória força, porventura supondo poder subjugar a onda semelhante que lhe era fornecida.

Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.

— Depois de ser assim exaltado em público o actual governo ainda reincide.</

A Semana da Criança

Uma tocante manifestação de 10.000 crianças no Palácio Cristal do Porto

PORTO, 29.—Descrever, pormenorizadamente, todas as fases da "Semana da Criança", isso é tarefa difícil, visto não termos a facilidade, como o lendário Jeóvan, de poder estar em todos a parte numa simultaneidade divina...

De um modo geral, a "Semana da Criança" tem decorrido com emotivo brilhantismo. Mas para o observador atento que não despreza as mínimas particularidades, alguma coisa tem encontrado de extraordinário que junta, ao prazer de apreciarmos a garrulice, a expansibilidade infantil, um misto de tristeza a compungir-nos a alma — como a corroborar o pensamento daquele filósofo pessimista: "não há prazer sem dor..."

E tocate a junção das crianças ricas com as pobres. Mas nós notamos esta dolorosa diferença, as menos arranjadas e menos abastecidas, oulharem, curiosas, para a garrulice da vestimenta das melhores feitadas e nutritidas— a pesar do espirito comunicativo que a gracilidade infantil imprime à festa; a parte pobre é menos vidente nas risadas de cristal e no delírio saltitante, do que a parte mais protegida pelas designações sociais...

E no entanto, isso não impede que um miúdo nosso coñecido — talvez numa transmissão do pensamento geral dos da sua condição humilde — nos diga: "se isto fosse todos os dias..." O petiz presente que, terminada a semana que lhe é dedicada, degutiando o último biscoito e partido o brinquedo que lhe distribuiram, a mesma escasséz do pão o voltará a visitar...

E' excelente a organização destas festas crianças — mas não é muito justo que, traindo o verdadeiro pensamento dos seus inspiradores, levem a ideia da espontânea solidariedade que deve existir nos espíritos bem formados, para a ideia da caridade exibicionista, mendigando-se ridiculamente a tudo e a todos, num verdadeiro assalto filantrópico aos transeuntes, para a efectivação da Semana da Criança — como aqui se fez... Na capital não se recorrem para esse sistema de pedincha aparatosas...

As crianças estão radiantes, com os momentos de gargalhada passados na frente do "écran". Peña é, porém, que entremeados com as fitas de *Charlot*, tramulhando, não fôssem uns filhos alegres, sim, mas que agradável alissem o útil, o instrutivo...

Deslumbrantes os cortejos da pequenada risonha, mas um tanto aborrecida a mania da "militarização" deambulatória imposta aos escolares. Encheram os ânfora espiritual com a satisfação de assistirmos, no jardim de São Lázaro, por exemplo, ao "chirreir", ao tagarelar das crianças, exibindo os seus *Joujous*, assoprando nas suas gaitas; mas essa agradável impressão evanescer-se nos contemplarmos que fôra das grades estavam outras crianças descalças e sem escola impedidas, pela polícia, de entrar no jardim a ouvir um pouco de música regimental. Mais livre foi o sr. Alvaro de Carvalho, proprietário do Cine Parque, da Avenida de Gaia: não se realizando, oficialmente, a "Semana da Criança" naquele concelho do outro lado da ponte, realizou ontem uma graciosa *matinée* oferecida a todas as crianças, com ou sem escola, com ou sem calçado, bem ou mal vestidas...

Vai ser surpreendente a confraternização de 10.000 crianças no Palácio de Cristal, alunos de ambos os sexos das escolas laicas e religiosas, internados dos asilos e dos recolhimentos. O que não devia estar no programa é a especulação crística e patriótica que se vai fazendo. O que têm que ver os canticos da "Viscondeira" para a fraternidade infantil e humana?

E por isso que de todas as conferências efectuadas na quarta feira, gostámos mais da do sr. Eusébio Queirós, que se insurge contra os "programas monstros, que nada orientam e tudo confundem".

MERCÉ DE TANTOS PROGRAMAS, tantas feiras e tantos regulamentos, há uma verdadeira carga quase a meter no fundo do ensino primário, que "está num estado incongruente e a meter medo áquelas que têm necessidade"; é preciso tirar a escola primária do labirinto em que hoje se perde, para que ela possa "provar, por uma maneira clara, que tem uma utilidade prática".

Dai o defender a necessidade da criação de um meio social na escola que prepare as crianças, as quais, devendo ser respeitadas, não devem constituir a sociedade futura: "e quanto maiores forem as suas virtudes, mais perfeita será a constituição dessa sociedade".

Está bem que se transforme a "escola num laboratório de sociologia, criando a consciência social, tornando uma lei biológica numa lei ético-social, establecendo os princípios de solidariedade", etc. Mas se em harmonia com as "Ideas Contemporâneas, a Escola Popular tem por finalidade a preparação consciente e a formação dos homens rigorosamente livres"; a "Escola tem de se transformar, fazendo substituir as preocupações cencianas, pelo divertimento, o trabalho e a alegria", e se os educadores e educacionistas, têm "de orientar e embriar a Sociedade Futura, pela experiência e pelo estudo do homem", "realizando a ação pela vida prática e pela educação racional" — essa Escolaridade deve ser sociológica, para se fundar a Escola Nova, com carácter produtivo e económico, mas deve ir além dum "cunho radicalmente nacional, profundamente português": deve inspirar-se nos princípios pedagógicos da internacionalista Escola Moderna, de Ferrer. — C.

Na Sociedade A Voz do Operário

MONTEMOR-O-NOVO, 28.—Realizou-se no dia 25, no edifício "Conde Ferreira", uma exposição de trabalhos dos alunos das escolas oficiais. Durante a exposição os alunos das escolas entoaram algumas canções. "A" noite realizou o inspector escolar sr. Ricardo Rosa e Alberty uma conferência sobre "A imperiosa necessidade dos Jardins da Infância".

Anteontem houve, às 20 horas, sessão cinematográfica educativa, e uma conferência do dr. sr. António Martins Romão sobre a "Importância da higiene sob o ponto de vista social".

Ontem realizou-se uma festa ao ar livre, constando de ginástica, jogos educativos, canções, marchas e bailes de roda.

A's 22 horas o dr. sr. Francisco Zefirino Malta Mira Mendes, fez uma conferência sob o tema: "Responsabilidade da Sociedade na educação e saúde das crianças".

Ataca o Estado que não facilita os meios de o povo se instruir, e diz que a falta de religião se deve a desmoralização de costumes e desvairamento de indivíduos, como os da "legião vermelha", abortadeiras, etc., e faz a apologia do ensino religioso. — C.

Uma conferência de propaganda religiosa em Montemor-o-Novo

MONTEMOR-O-NOVO, 28.—Realizou-se no dia 25, no edifício "Conde Ferreira", uma exposição de trabalhos dos alunos das escolas oficiais. Durante a exposição os alunos das escolas entoaram algumas canções. "A" noite realizou o inspector escolar sr. Ricardo Rosa e Alberty uma conferência sobre "A imperiosa necessidade dos Jardins da Infância".

Anteontem houve, às 20 horas, sessão cinematográfica educativa, e uma conferência do dr. sr. António Martins Romão sobre a "Importância da higiene sob o ponto de vista social".

Ontem realizou-se uma festa ao ar livre, constando de ginástica, jogos educativos, canções, marchas e bailes de roda.

A's 22 horas o dr. sr. Francisco Zefirino Malta Mira Mendes, fez uma conferência sob o tema: "Responsabilidade da Sociedade na educação e saúde das crianças".

Ataca o Estado que não facilita os meios de o povo se instruir, e diz que a falta de religião se deve a desmoralização de costumes e desvairamento de indivíduos, como os da "legião vermelha", abortadeiras, etc., e faz a apologia do ensino religioso. — C.

Na Sociedade A Voz do Operário

Na sede da Sociedade de A Voz do Operário, realizou-se ontem, mais uma festa encantadora, para coroar a "Semana da Criança". Todos os alunos das escolas da sede, e de algumas das escolas mais próximas,

em caso de necessidade e colocar-se ao lado da U. S. O. local e da C. G. T. para a libertação de todos os deportados.

U. S. O. de Olhão

Em sessão do Conselho Geral desse organismo foi aprovado o seguinte documento acerca das deportações:

1.º Que se dê à C. G. T. todo o apoio para a libertação de todos os deportados;

2.º Que os delegados se comprometam a junto dos sindicatos preparar os mesmos para o movimento geral; 3.º Publicar-se este documento em *A Batalha* e dar-se conhecimento à C. G. T.

Bolsa T. S. da C. Civil

Em reunião da comissão administrativa apreciou-se a revoltante arbitrariedade cometida pelo governo, ao deportar operários sem julgamento, contra o que levanta o seu protesto.

Feira de beneficência em Algés

Inaugura-se hoje pelas 10 horas esta feira de beneficência, promovida pela Câmara Municipal de Oeiras a favor da criação dum pequeno Asilo-Hospital.

A feira fica situada no Bairro Soares, frente à estação dos Caminhos de Ferro em Algés, em vastos terrenos que alcançam o Bairro Novo de Algés e Algés de Cima.

A banda de Infantaria 1 tocará na inauguração, realizando-se depois em todos os domingos, feriados e quintas-férias, concertos por bandas regionais e "sociedades do concelho".

* * *

Procurou-nos o sr. Rui Monteiro, um dos baraqueiros da feira de beneficência de Algés que hoje se inicia, que veio aqui protestar, em seu nome e no dos seus colegas, contra o facto de serem pagas as entradas na feira. Além de considerar absurdo cobrar dinheiro ao público para estes frequentes, feriados e quintas-férias, concertos por bandas regionais e "sociedades do concelho".

Quando o sol abrandou, todo aquél exame passou à cerca, onde cantaram e dançaram, numa alegria extraordínaria. Hoje, é o último dia das festas promovidas e organizadas pela Sociedade A Voz do Operário. 300 alunos da Voz vão hoje para a matinée do Cine Paris, na Rua Ferreira Borges, 300 para o Salão Lisboa, na Mouraria; 70 para o Salão Ideal, no Loreto; 40 para o Cine Esperança.

No Chantelle realizou-se ontem uma matinée, também destinada aos alunos da Voz, em que tomaram parte perto de 400 alunos.

Escola Oficina n.º 1

Encerra-se hoje a exposição dos trabalhos escolares dos alunos da Escola Oficina n.º 1, que tanto interesse e agrado despertou no nosso meio pedagógico, e foi um magnífico elemento dos festeiros da "Semana da Criança".

Grande parte dos trabalhos expostos estão já vendidos, revertendo o produto a favor do cofre escolar e da cantina da escola.

A exposição abre às 14 e encerra-se às 18 e meia da tarde.

Junta de Freguesia de Santa Isabel

Resolviu na sua última reunião distribuir a quantia de mil escudos pelas escolas de ensino livre da freguesia para fornecimento de material escolar aos alunos mais necessitados e que melhor aproveitamento tem.

Uma interessante sessão na Marinha Grande

A inauguração deste teatro mais uma vez teve de ser adiada, não obstante as contrariedades e prejuízos que este adiamento acarretou; isto prova que a direção desta elegante casa de espectáculos está na firme disposição de preparar tudo para que a inauguração obedeça a uma absoluta harmonia e perfeição.

Assistência pública

A Junta de Freguesia de Santa Izabel resolveu, na sua última reunião, oferecer, à freguesia respectiva, uma moça rodada do sistema mais moderno, a qual ficará, com a devida licença, entregue à guarda da esquadra policial da sua área.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25.000. Extrações sem dôr, a 1000. Consulta especial das 10 às 2. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 às 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO CHIADO, 74,1. Telef. 4186 C.

HORARIO DE TRABALHO

Tanoeiros de Lisboa

A comissão de melhoramentos do sindicato dos tanoeiros apreciou a forma como alguns industriais procedem, com o horário de trabalho, parando o trabalho nas horas regulamentares para o mandar fazer depois delas, para assim darem a impressão de não ser cumprido o horário de trabalho.

Resolviu chamar a atenção a alguns operários para o facto de ficarem trabalhando mais 10 minutos às horas de almoço e saída.

Também a comissão administrativa da federação tomou conhecimento de, na classe dos trabalhadores de armazens de víveres, não ser cumprido o horário de trabalho, resolvendo-se convidar a direção a uma reunião a fim de fazê-lo cumprir.

Limpesa dos barcos da C. U. F.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou amortece qualquer espírito de revolta.

Na picagem dos barcos da União Fabril se desrespeitava a lei do horário de trabalho, ameaçando-se com despedimento os operários que exigem o cumprimento do horário das 8 horas.

O apontador Alfredo tem pessoal arregimentado e filiado nas juventudes monárquicas com os quais, impede ou

ABATALHA

PELA UNIDADE SINDICAL

Relatório da missão confederal junto da U. S. O. de Evora e dos sindicatos da mesma cidade

Pretendi que o Conselho da União reúne no dia 16, mas como nesse dia promoveu aquele organismo uma conferência à qual me foi dada a honra de presidir, a sessão do conselho só pôde realizar-se no dia 17. Eu pretendia que a questão em curso fosse esclarecida dentro das normas usuais de honesta probidade, pois embora estivesse de posse de elementos de informação, colhidos num e noutra das partes em litígio, mal poderia utilizar-me deles por carecerem do que está convencionado ser oficial. E assim, uma vez reunido o conselho, em nome da C. G. T. pedi esclarecimentos concretos e precisos, documentais, sobre a já célebre *sessão secreta*, sobre os motivos que a determinaram, assim como de tudo o mais que se passou relativamente à nomeação da comissão administrativa da U. S. O.

De tudo o que foi dito por cada delegado que fez uso da palavra e que foi constatado sem discrepâncias pelos restantes, verifiquei tratar-se de questões que não são de agora e que vou concretizar, alterando muito embora a ordem porque falam os delegados.

Para o dia 27 de Setembro de 1924, foi pedida por Joaquim Nogueira, como secretário da Comuna de Evora, a sala da União a fim de Carlos Rates na mesma realizar uma conferência e foi cedida. Rates não compareceu e a conferência foi adiada para outro dia, dia em que também não se realizou por falta de assistência, convencionando-se em que a mesma se efectuasse num outro dia. Sucedeu, porém, dar-se a coincidência de nesse último dia se verificar o encerramento do comércio em Evora, como solidariedade com o movimento da U. I. E. Por esse facto entendeu a União efectuar nesse mesmo dia uma reunião de protesto, acto esse que se não fosse realizado nesse dia perderia a oportunidade. Antes, porém, de fazer o convite à classe operária, o secretário geral da União avisou-se com Joaquim Nogueira a quem comunicou aquela decisão, manifestando este o seu pleno acordo e convencionando ambos em que, para a sessão de protesto não prejuiciar a conferência, nem esta sessão, se efectuasse a sessão, que estava, naturalmente, em primeiro lugar, efectuando-se a seguir a conferência, para o que se aproveitaria a assistência, que seria convidada a ficar. (Relato de vários delegados).

Este caso, perfeitamente correto é mais que justificado, devendo ficar arrumado, como estava e a contento de quem pediu a sala e da União, que a cedeu foi no entanto a falsa que determinou o actual incêndio, cujas labaredas ainda não estão apagadas...

"Os elementos comunistas e partidários da I. S. V. lançaram-se desde logo numa campanha de descrédito contra os elementos da União, pois pretendiam que, desde que a sede estava cedida—embora se esqueçam que essa cedência foi para o dia 27 de Setembro e não para outro—nela e naquele dia se deveria efectuar a conferência, embora com menorpreço do protesto do operariado local contra a acção das forças vivas. (Relato de vários delegados).

"Após a questão suscitada por aquele caso, aos elementos comunistas, nas suas conversas particulares ouviu que afirmavam ser necessário influirem para que comunistas viessem como delegados para a União a fim de poderem ter garantida a possibilidade de realizar todos os actos que ao partido comunista conviessem. (Fernandes Nunes, delegado da A. dos Corteiros).

"Dois delegados da Federação dos Trabalhadores Rurais foram em missão de propaganda à Associação dos Rurais de São Manços. Um desses delegados disse a Adriano J. Neto, daquele sindicato, que sabia pretender o partido comunista, de que Neto faz parte, absorver os sindicatos. Que Neto preteve desmenti-lo, mas que Chagas, outro rural daquele sindicato exclamou: 'verdade, sim, senhor. Eu fui também ao Congresso do Partido Comunista, porque me disseram ser uma coisa diferente do que é e porque ele me pagou as despesas para ir lá. Eu assisti a uma sessão que se fez à porta fechada e nessa sessão fui resolvido que os comunistas tomasssem os sindicatos e onde não podessem que os desmantelassesem. Foi por isso que eu o abandonei logo...'. (F. P. Marques, dos Rurais de Evora).

"Não houve sessão secreta alguma. A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais soube que os elementos políticos se preparavam para que alguns de entre eles comporesssem a futura comissão administrativa da U. S. O., tendo nesse sentido feito convite a alguns outros camaradas. Que aquela associação prezava muito a independência da organização sindical e cumprindo-lhe também defende-la, assim como à orientação libertária do sindicalismo revolucionário, dirigiu convite às direções dos sindicatos que sabia não estarem sob a influência de políticos, para entre os seus delegados se concertar a defesa da integridade moral da U. S. O. que presumia ameaçada. Que um único delegado nessa reunião proclamou a necessidade de se guardar segredo sobre a mesma, Inocêncio Vermeilho, dos corteiros, sendo esse mesmo delegado que fez dessa reunião declarar ter-se feito uma sessão secreta. Da lista da comissão administrativa composta por um delegado de cada sindicato, que foi regeada na sessão de 27 de Fevereiro, fazia parte Barão Rochinha, como secretário geral. A indicação do nome desse camarada saiu do próprio Conselho, que encarregou três delegados de o convencer a assumir esse cargo.

I. Vermeilho, colega profissional e coodelegado de Rochinha, também com este aperto para que aceitasse o encargo, para o desempenho do qual lhe reconhecia a máxima competência, sendo o mesmo I. Vermeilho quem depois veio proclamar a incompetência da primeira C. A. proposta e particularmente do camarada Barão Rochinha. Este dualismo de critério e de procedimento foi, em Vermeilho uma consequência das influências dos políticos que no seu espírito vieram a ter maior parte. A direcção da Associação dos Rurais, depois da reunião chamada agora secreta, convocou a assembleia geral da classe e submeteu à sua apreciação o seu procedimento.

Projectando luz sobre a desconfiança e a prevenção que existe respeito a Joaquim Nogueira, F. J. de Sousa e outros elementos comunistas e que sem dúvida contribuiu para que a maioria dos sindicatos se manifestasse contra a estada déles na comissão administrativa da União, o camarada Francisco José Cascalho, secretário geral da União, fez as seguintes declarações:

"Projecto que existia respeito a Joaquim Nogueira, F. J. de Sousa e outros elementos comunistas e que sem dúvida contribuiu para que a maioria dos sindicatos se manifestasse contra a estada déles na comissão administrativa da União, o camarada Francisco José Cascalho, secretário geral da União, fez as seguintes declarações:

"'Eu vou, camaradas, fazer uma clara exposição do que em verdade se passou comigo quando se tratou do comício na Praça do Geraldo. Eu não fui bastante explícito quando nessa União se procurou averiguar como apareceram os convites dactilografados para a reunião que desse comício tratou. Todos sabem que tomei conta do cargo de secretário geral em condições excepcionais, pois não me reconhecendo competente a aceitei o cargo num momento em que outros não podiam ou não queriam aceitá-lo. Mas como contei sempre com o concurso sincero e honesto dos mesmos camaradas, esperei sempre ser dessa forma auxiliado até que outro mais competente me substituisse. Ora no dia 7 de Fevereiro, um sábado ainda cedo, fui procurado por Joaquim Nogueira, o qual, do mandado do governador civil, me convidou a ir interviewar-me com aquela autoridade. Como o meu ofício é barbeiro não podia sair de loja e respondi a Nogueira que só poderia comparecer ás horas da noite, quando finde o trabalho. Que fosse Nogueira comunicar aquilo ao governador civil. Nogueira foi e voltou a comunicar-me que o governador o esperaria a qualquer hora. Já tarde compareci e lá encontrei José de Mira Neto. Governador civil e Neto disseram-me ser necessário promover uma manifestação contra as forças vivas. Mais me convenci disso depois que notei o ataque que os mesmos fizeram ao camarada Cárrascalo, por ele, de passagem por Evora, ter falado no comício do dia 10 de Fevereiro por forma tão clara, em que não transpareceu qualquer conveniência ou compromisso com políticos, autoridades ou patrões—o único orador que agradou deveras à grande massa operária que assistiu ao comício. Pesavame na consciência não fazer neste momento esta exposição, que é a expressão da verdade. O que agora desejo é ser substituído no meu cargo. Já dei o que a organização podia dar, com todo o desinteresse e sinceridade.'

Então ofereceram-me logo, já dactilografadas, cartas-convite, que já estavam feitas e subscritas, destinadas aos delegados reinirem no dia seguinte, 8. Não reflecti bem, no momento, em todo aquele trabalho e subscrevi aquelas cartas. Já fui do governo civil princípio a desconfiar do caso, mas, como já era tarde, não pude encontrar nenhum delegado com quem trocasse impressões sobre o que se passava. No dia seguinte ainda substitui os envelopes que as cartas traziam por outros da União, que subscrevi, parecendo-me que assim não se tornaria tão notado o que eu desconfiava ser minha falta.

Quando, mais tarde, na União me pregunaram quem havia feito aquelas cartas, não esclareci bem o facto, neguei a sua procedência, por se me afigurar que assim diminuiria a minha falta e portanto a minha responsabilidade. Foi uma coisa feita ini-

cialmente, e só reparei bem no papel que desempenhei e na falta que cometi quando observei que os elementos por causa dos quais existem estas questões pretendiam que fosse feita uma manifestação de apoio ao governador, na pessoa do governador civil, embora também de protesto contra as forças vivas. Mais me convenci disso depois que notei o ataque que os

mesmos fizeram ao camarada Cárrascalo, por ele, de passagem por Evora, ter falado no comício do dia 10 de Fevereiro por forma tão clara, em que não transpareceu qualquer conveniência ou compromisso com políticos, autoridades ou patrões—o único orador que agradou deveras à grande massa operária que assistiu ao comício. Pesavame na consciência não fazer neste momento esta exposição, que é a expressão da verdade. O que agora desejo é ser substituído no meu cargo. Já dei o que a organização podia dar, com todo o desinteresse e sinceridade.'

Depois desta exposição o conselho trouxe ainda da comissão administrativa. Mas como falavam os delegados dos Sindicatos Metalúrgico e da C. Civil e havia-se estabelecido o princípio de nomear um membro por cada sindicato, foram apenas nomeados três camaradas como agregados ao secretariado geral.

Quando, mais tarde, na União me pregunaram quem havia feito aquelas cartas, não esclareci bem o facto, neguei a sua procedência, por se me afigurar que assim diminuiria a minha falta e portanto a minha responsabilidade. Foi uma coisa feita ini-

cialmente, e só reparei bem no papel que desempenhei e na falta que cometi quando observei que os elementos por causa dos quais existem estas questões pretendiam que fosse feita uma manifestação de apoio ao governador, na pessoa do governador civil, embora também de protesto contra as forças vivas. Mais me convenci disso depois que notei o ataque que os

mesmos fizeram ao camarada Cárrascalo, por ele, de passagem por Evora, ter falado no comício do dia 10 de Fevereiro por forma tão clara, em que não transpareceu qualquer conveniência ou compromisso com políticos, autoridades ou patrões—o único orador que agradou deveras à grande massa operária que assistiu ao comício. Pesavame na consciência não fazer neste momento esta exposição, que é a expressão da verdade. O que agora desejo é ser substituído no meu cargo. Já dei o que a organização podia dar, com todo o desinteresse e sinceridade.'

Referindo-se às próximas eleições de delegados para a Caixa, censura ásperamente certos indivíduos que, para satisfazer ambições pessoais, procuram inutilizar os esforços da União Ferroviária para melhorar

o seu procedimento.

Todo o operário consciente deve protestar contra as medidas arbitrárias com que se está ferindo a classe trabalhadora.

A classe bancária em face da crise económica

INTERESSES DE CLASSE

PROPAGANDA SINDICAL

Secção Federal da Construção Civil no Sul

Com o fim de organizar alguns sindicatos, reorganizar os que se encontram decadentes e avaliar da vitalidade dos existentes, esta Secção vai realizar uma *tournée* de propaganda na região que lhe está adestrada percorrendo as seguintes localidades nas quais realizará sessões de propaganda:

Lagos, terça-feira, 2 de junho; Portimão, quarta-feira 3; Monchique, quinta-feira, 4; S. Bartolomeu de Messines, sexta-feira, 5; Silves, sábado, 6; Santa Bárbara de Nexe, domingo, 7; Albufeira, segunda-feira, 8; Loulé, terça-feira, 9; Faro, quarta-feira, 10; Olhão, quinta-feira, 11; Tavira, sexta-feira, 12; Vila Real de Santo António, sábado, 13; Cacela e S. Brás de Aljustrel, domingo, 14.

A todos os Sindicatos fórum enviados ofícios indicando os dias em que as sessões se realizam, esperando esta Secção que os referidos Sindicatos façam a máxima propaganda a fim de que as sessões resultem benéficas para a organização.

Os ferroviários do Minho e Douro realizam uma importante sessão na Régoa

REGOA, 28.—Uma missão ferroviária andou percorrendo a linha do Douro, em propaganda sindical. De passagem por esta vila, aproveitou o ensejo para efectuar uma sessão no teatro Salas Recreativo.

A 21.30 foi aberta a sessão. Constituída a mesa, fala em primeiro lugar João José dos Santos, presidente da direcção da União Ferroviária. O orador relata as diligências empregadas para melhorar a situação económica da classe, lamentando que algumas divergências desproporcionadas dificultem o êxito desejado. Expõe em seguida a necessidade de prosseguir-se aquelas diligências, procurando difundir-se as escusas que as entidades superiores opõem injustamente às reclamações da classe ferroviária. Acentua a conveniência de auxiliar a classe todos os esforços dispensados pelos que se interessam por ela, dispensando-lhe os necessários elementos de trabalho de cooperação. Referindo-se à chamada "associação católica", formada por indivíduos ambiciosos, acusa-a de procurar servir interesses pessoais em prejuízo dos interesses da classe, empregando processos pouco escrupulosos para conseguir os seus fins. Em seguida, manifesta a sua discordância com o decreto que dá preferência aos antigos militares do C. E. P., na admissão e promoção de vários postos nos caminhos de ferro do Estado, isto com prejuízo total de velhos trabalhadores que assim têm quasi cortada por estranhos a sua carreira. A propósito, expõe o estado em que se encontram as negociações com o governo para viver e muito menos o preciso para ter amealhado o suficiente para o pôr ao abrigo da miséria durante o tempo que durar o seu desemprego?

Que pensa fazer também a classe em face da situação criada a esses desempregados? Porque é que a classe bancária, numerosa como é, se não manifesta em face dum acto destes que um bolo dia muitos mais pode atingir também?

Temos dúvidas sobre o espirito de classe dos empregados bancários porque nunca souberam viver unidos nem dão ao seu sindicato o apoio e a força que era necessário dar-lhe para impôr a sua vontade.

Triste é dizer-las, mas é necessário que se diga que, contando a classe bancária algumas milhares de membros, só umas escassas centenas estão sindicados e esses mesmos na maior parte limitam a sua ação a pagar as suas cotas.

Ora é necessário que todos se compremetam das vantagens que tem o sindicato e corram em massa a filiar-se, dando assim um magnífico exemplo de solidariedade e demonstrando aos patrões que estão unidos para a reivindicação dos seus mais legítimos interesses.

Fala depois José de Sousa Teixeira que declara previamente que na defesa dos interesses económicos dos ferroviários não sobreponha qualquer critério político. Apresenta os serviços prestados pela União Ferroviária, incitando a classe a formar em volta dela, sem escutar falsas promessas de políticos.

Usa da palavra Adriano Monteiro. Não pretende fazer discursos eloquitos, mas apenas defender, com todas as forças da sua alma, a unificação da classe ferroviária, não cumprindo o seu dever, desempenhando-se da missão que foram incumbidos. O tempo porém vai passando e o que é certo é que a respectiva comissão reorganizadora não se importa. Entretanto, devemos acrescentar: pertencemos nós a essa comissão, no entanto, junto dos outros elementos temos empregue o nosso esforço para levarmos a um *desideratum* que nos propusemos realizar, nada tendo conseguido. E assim, em face disto, resolvemos vir até às colunas de *A Batalha* declarar o que se passa — e apesar, ao mesmo tempo, para que todos camaradas se unam, fazendo por erguer o sindicato, como é preciso para o nosso interesse.

A comissão reorganizadora do sindicato, como é sabido, ficou constituida por Marcelino Simão, Aparício Pais, Jaime Tavares, Antônio Felix e Afonso Rodrigues.

Em face portanto do que estamos constatando, e para colocar as responsabilidades sobre quem as tiver, acabamos neste momento de oficiar ao Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, em *A Batalha*, fez referência ao facto de os componentes da comissão reorganizadora do sindicato dos manufacturadores de calçado serem todos os interesses da classe ferroviária, contra todos os mesquinhos interesses de pessoas.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá ameaçar, com uma simples penada, as regalias já conquistadas, nem impor sequer a sua falsa onipotência. Insurge-se contra os indivíduos que vêm semeando, à força de perfídias intrigas, a dissidência nos ferroviários demonstra que nenhuma classe pode viver isolada, mas terá de unir-se as outras classes para depressa atingir os seus objectivos económicos. Exalte a ação da União Ferroviária, que tem obtido vantagens na defesa dos interesses da classe contra as prepotências, atribuindo este êxito à sinceridade e espírito de sacrifício dos seus militantes e ainda porque a União Ferroviária constitui a forte maioria da classe, a pesar de todas as intriga.

Terminando, o orador afirma a necessidade de apoiar a classe a União Ferroviária, acabando-se com as lutas que dividem aquela e lançando-se na defesa encarniçada dos interesses de todos, e todos reunidos—se num só sindicato, repudiando as intenções de influentes políticos. No dia em que os ferroviários compreenderem estes verdadeiros direitos de exigir que os seus militantes empreguem maiores esforços para alcançar maiores e mais sólidas regalias para a classe, para levarmos a um *desideratum* que nos propusemos realizar, nada tendo conseguido. E assim, em face disto, resolvemos vir até às colunas de *A Batalha* declarar o que se passa — e apesar, ao mesmo tempo, para que todos camaradas se unam, fazendo por erguer o sindicato, como é preciso para o nosso interesse.

A comissão reorganizadora do sindicato, como é sabido, ficou constituida por Marcelino Simão, Aparício Pais, Jaime Tavares, Antônio Felix e Afonso Rodrigues.

Em face portanto do que estamos constatando, e para colocar as responsabilidades sobre quem as tiver, acabamos neste momento de oficiar ao Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, em *A Batalha*, fez referência ao facto de os componentes da comissão reorganizadora do sindicato dos manufacturadores de calçado serem todos os interesses da classe ferroviária, contra todos os mesquinhos interesses de pessoas.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá ameaçar, com uma simples penada, as regalias já conquistadas, nem impor sequer a sua falsa onipotência.

Insurge-se contra os indivíduos que vêm semeando, à força de perfídias intrigas, a dissidência nos ferroviários demonstra que nenhuma classe pode viver isolada, mas terá de unir-se as outras classes para depressa atingir os seus objectivos económicos.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá ameaçar, com uma simples penada, as regalias já conquistadas, nem impor sequer a sua falsa onipotência.

Insurge-se contra os indivíduos que vêm semeando, à força de perfídias intrigas, a dissidência nos ferroviários demonstra que nenhuma classe pode viver isolada, mas terá de unir-se as outras classes para depressa atingir os seus objectivos económicos.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá ameaçar, com uma simples penada, as regalias já conquistadas, nem impor sequer a sua falsa onipotência.

Insurge-se contra os indivíduos que vêm semeando, à força de perfídias intrigas, a dissidência nos ferroviários demonstra que nenhuma classe pode viver isolada, mas terá de unir-se as outras classes para depressa atingir os seus objectivos económicos.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá ameaçar, com uma simples penada, as regalias já conquistadas, nem impor sequer a sua falsa onipotência.

Insurge-se contra os indivíduos que vêm semeando, à força de perfídias intrigas, a dissidência nos ferroviários demonstra que nenhuma classe pode viver isolada, mas terá de unir-se as outras classes para depressa atingir os seus objectivos económicos.

Contra os ferroviários unidos, nenhum director ou ministro poderá amea